

Profetas indígenas no alto rio Negro

Francisco Jorge dos Santos *

Desde meados do século XIX os povos indígenas da bacia do alto rio Negro têm se envolvido com movimentos de caráter messiânico-milenaristas, os quais podem ser ainda considerados como um único movimento com vários desdobramentos, que eclodiram na década de 1850 com ecos nos decênios seguintes. Esses levantes alarmaram as autoridades da recém-criada Província do Amazonas, que os reprimiu fortemente com tropas militares.

O primeiro surto messiânico foi desencadeado no rio Içana, em 1857, por um índio venezuelano, que atendeu pelo nome de Venâncio Aniseto Kamico, o qual durante o movimento passou a ser chamado de "Santo Cristo". Venâncio morava na aldeia de Cuiry, no alto rio Içana, de onde iniciou as pregações dos ensinamentos das doutrinas que havia aprendido com um padre mestiço, que atuava na região de São Carlos, na Venezuela. Tal aprendizado constituía-se tanto da doutrina cristã, como também das artes xamânicas.

Na sua região de origem, baixo rio Guainia entre Maróá e São Carlos, Venâncio trabalhava como serrador de madeiras para a indústria naval, onde contraiu dívidas com vários patrões. Endividado e ameaçado de prisão fugiu para o Içana, onde voltou a contrair novas dívidas, desta vez com os regatões. Endividado, passou a identificar-se com a maioria dos povos nativos que viviam sob o clima da exploração e opressão daquela época. Sofria de catalepsia, porém, interpretava seus frequentes ataques convulsivos como "chamados divinos", ocasiões em que viajaria no céu e falava com Deus, que lhe daria poderes para absolver as dívidas dos povos indígenas e para guiá-los à salvação. Através do uso habilidoso dos símbolos cristãos de sofrimento, purificação, salvação e imortalidade, Venâncio reforçava os símbolos poderosos do mito e do ritual indígena, profetizava o fim do mundo, causado por um incêndio cósmico, quando o mundo inteiro arderia em chamas, exceto o rio Içana; isso aconteceria no dia de São João, 24 de junho de 1858, dia santo de purificação ritual, e que também tinha fortes conotações políticas. Nesse dia Deus desceria à terra e anunciaria o início de uma "Era de felicidades".

A influência de Venâncio se estendeu por quase toda a região do alto rio Negro, catalisando os anseios e arrestando grandes quantidades de seguidores caboclos, e de índios de várias nações. Uma autoridade religiosa contemporânea em carta dirigida ao presidente da Província, em 1858, afirmou: dos lugares por onde chegam semelhantes notícias se abalam imediatamente os moradores ansiosos de verem o "Cristo" como lhe chamam.

Simultaneamente, um outro surto se manifesta de modo filial na povoação de N.S. da Guia, na boca do Içana, seriam os seguidores do "Santo Cristo". As reuniões eram lideradas por três índios nascidos na região: Venâncio José Furtado, que se dizia "Padre Santo", Nazária Josefa,

"Santa Maria", e Narciso José, "São Lourenço". Seriam emissários de Venâncio, enviado àquelas paragens com objetivo de recolher mantimentos para remetê-los em seguida, com certeza para manter o movimento vivo.

Por volta do início de 1858, a povoação de Jaquirarapeuma, no rio Uaupés, foi cenário de um novo levante indígena com características messiânicas, sob a liderança do índio Alexandre, "O Cristo", também portador de elementos da cultura ocidental. Esse foi criado nas redondezas de São José de Marabitanas, onde continuou residindo com sua família até o momento da repressão e pilhagem, realizada pelas forças militares do Governo provincial, no rio Içana, por ocasião da reprimenda do movimento liderado pelo índio Venâncio. A partir de então seguiu para o Uaupés onde convidou seus parentes para fundarem uma povoação nas adjacências de Jauretê. Em Jaquirarapeuma estavam "reunidas mais de mil pessoas" quando a repressão chegou, depois de negociações religiosas inócuas, partiram para os combates armados, com baixas de ambos os lados.

Esses surtos messiânico-milenaristas ocorridos na região do alto rio Negro não constituíram uma "farsa" promovida por alguns charlatões que casavam, descasavam e batizavam em meio de continuadas danças e orações; que se diziam Cristos para iludir os índios e extorquir-lhes os seus poucos haveres, como interpretaram as autoridades provinciais. Mas sim, uma reação radical às agressões de toda a sorte efetuadas pelos brancos, desde o início do século XVIII. O antropólogo Egon Schaden, da Universidade de São Paulo, caracterizou os movimentos messiânicos da região do rio Negro, como acima de tudo, uma revolta contra a opressão.

Assim, a sujeição, o trabalho forçado, os excessos, o abuso de autoridade, o endividamento e outras explorações do gênero devem ter atizado o espírito de sublevação e resistência desses índios contra o advento de uma nova disciplina de vida, diferente de sua cultura milenar. O somatório desses fatores com outros, para nós ainda não muito claros, propiciam o aparecimento de "Profetas", indicando o caminho para a redenção dos povos. Desse modo, como disse a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, os messias do alto rio Negro desenvolveram estratégias milenaristas para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre. Venâncio orientava seus seguidores a rejeitarem, e a libertarem-se do sistema político-econômico dominante. Enquanto que Alexandre, líder messiânico Tukano, pretendia o poder dos brancos. Haveria uma inversão de papéis onde os brancos seriam castigados para pagarem todo o mal praticado aos índios, ao longo do contato. Portanto, os movimentos de rebelião da região seria o resultado da epopéia de exploração portuguesa na época colonial e brasileira na fase nacional.

* Professor do Departamento de História e do Museu Amazônico da Universidade do Amazonas; aluno do curso de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.